

DIÁRIOS DE AULA

Maria Cristina Simeoni ¹

RESUMO

O tema dessa pesquisa é o registro manuscrito, *offline*, a respeito dos conhecimentos produzidos por estudantes de um curso de Educação Física-Licenciatura. Com as tecnologias cada vez mais evoluídas observa-se que, a maioria desses estudantes, não tem mais a preocupação de registrar o processo da produção do conhecimento, pelo próprio punho, *offline*. Desse modo, este estudo propõe a escrita de Diários de Aula. É a escrita de um gênero textual, como está na Base Nacional Comum Curricular, que promove a reflexão individual, discussões pertinentes acerca da vida em sociedade e objetiva descrever, o contar, numa espécie de apreensão global. O objetivo geral é verificar se a escrita do diário é uma ação que favorece o processo de ensino e aprendizagem. A metodologia bibliográfica, com abordagem qualitativa, contempla a análise do conteúdo, dos diários, em duas categorias: a) Escrita; b) Estética. Observou-se que 77% não apresentaram característica desse gênero de escrita, por desconhecimento do assunto. Essa foi a maior dificuldade encontrada, mesmo com orientações para tentar suprir essa falta de conhecimento. Para tanto houve indicação de filmes que retratam a escrita de diário, tais como: O diário de uma paixão; Escritores da liberdade; O diário de Anne Frank; Diário de um banana e seus respectivos livros. Considerando os resultados aqui expostos, conclui-se que, o registro em Diários de Aula ainda necessita de outras pesquisas, avaliando o ciclo dos elementos das categorias aqui analisadas ou de outras.

Palavras-chave: Registro escrito, Ensino aprendizagem, Educação Física

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa é o registro manuscrito, *offline*, a respeito dos conhecimentos produzidos por estudantes de um curso de Educação Física-Licenciatura. Com as tecnologias cada vez mais evoluídas observa-se que, a maioria desses estudantes, não tem mais a preocupação de registrar o processo da produção do conhecimento, pelo próprio punho, *offline*. Desse modo, este estudo discute a escrita de Diários de Aula. É a escrita de um gênero textual, como está na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 92), que promove a reflexão individual, discussões pertinentes acerca da vida em sociedade e “objetiva descrever, o contar, numa espécie de apreensão global” (BARBOSA e HESS, 2010).

Recuperar formas tradicionais de registrar o mundo, para muitos é nadar contra a corrente. Em se tratando da escrita (e de outras artes plásticas) de próprio punho, offline, produzidas em um caderno específico, parece ser quase impossível. A prática de ter um caderno, para registrar os acontecimentos em sala de aula, na Educação Superior, quase

¹ Doutora pela Universidade SEK/Chile, mcsimeoni@uenp.edu.br



não existe mais no meio universitário. A tecnologia proporciona o acesso aos *slides*, que a maioria das/os professoras/es utilizam em aulas e, na visão das/os estudantes, é o que basta para estudar. As fotocópias, ainda, estão no mesmo páreo.

Desse modo, é preciso se mobilizar para a ação de registrar, como ato subjetivo. Permito-me utilizar um dos conceitos de Charlot (2002, p. 55), o qual explica que: “mobilizar-se é por recursos em movimento [...], é reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recurso”. O autor se serve do termo mobilizar-se quase como um sinônimo de motivação. Penso que usar a si próprio é usar o seu corpo, acionando-o para que se movimente e produza seus registros. Desta ação, observam-se dois movimentos distintos: interno e externo (ação de escrever, desenhar, pintar, recortar/colar etc.).

Registrar, em Diários de Aula, é um movimento bimotor. É movido externamente, pois o ser humano deixa sua marca material, porém é movimento mobilizado internamente, por meio do desejo de deixar essa marca (por meio da escrita, do desenho, da fotografia, da pintura etc.). Isso significa dizer que o registro antes de se mostrar exteriorizado, já está registrado no nível mental, é parte do conhecimento assimilado e sistematizado internamente. Dito de outra maneira, o próprio ato de escrever é uma forma de operação do conhecimento, sistemática e disciplinada. Como defende Madalena Freire, “desde a pré-escola o ato de ‘escrever’, não necessariamente palavras, é fundamental como suporte de uma leitura crítica” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1989, p. 114).

Desta forma entendo o registro, em Diários de Aula, como capacidade de materializar o mundo imaginado por meio do som, do movimento corporal, da imagem e da palavra. É um suporte para deixar marcado aquilo que por nós já foi falado e lido no e do mundo, e assim, permite que sejam lidos e falados por outros e relido e falado por nós. O usual caderno escolar, abandonado pelo tempo letivo, recebe um novo status, Diários de Aula. Muitas outras definições podem ser apresentadas, em diferentes versões e nomenclaturas. Algumas que conheço são: Portfólio, Diário de Bordo e Memorial. Embora com funções até mesmo distintas, são instrumentos que resgatam a importância do registro escrito.

Nas “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissional do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura), Base Comum Nacional e Perfil do(a) Egresso(a) da Formação Inicial”, o desenvolvimento das/os licenciandas/os é acompanhado por estratégias avaliativas formativas, com



registros variados da aprendizagem adequados à avaliação das competências docentes, consolidando-se principalmente por meio de portfólios, ou outro recurso de acompanhamento equivalente, contemplando anotações de observações, reflexões críticas, planejamentos didáticos, relatos de experiências e demais evidências das aprendizagens requeridas para a docência (BRASIL, 2024, p. 27-28).

A formação inicial de profissionais do magistério da Educação Básica deve abranger todas as dimensões do processo educativo, incluindo aspectos científicos, estéticos, técnicos e ético-políticos. É necessário planejar e elaborar cartas pessoais e diários, expressando sentimentos e opiniões, entre outros gêneros do cotidiano, conforme as convenções dos gêneros carta e diário, considerando a situação comunicativa e o tema ou assunto tratado (Idem, p. 121).

Dessa maneira, o objetivo geral deste estudo é verificar se a escrita do diário é uma ação que favorece o processo de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia bibliográfica, com abordagem qualitativa, contempla a Análise do Conteúdo (BARDIN, 2015). Segundo a autora, no contexto dessa análise, a categoria é definida como uma unidade de significado construída a partir de elementos presentes no conteúdo analisado. As categorias funcionam como agrupamentos de ideias, temas ou aspectos que são relevantes para os objetivos da pesquisa e que permitem classificar e organizar as informações coletadas de maneira sistemática. Ela ainda destaca que as categorias devem ser claras, precisas e pertinentes ao problema investigado, facilitando a interpretação dos dados e a identificação de padrões, recorrências ou singularidades no material analisado. Desse modo foram selecionadas duas categorias *a priori*: a) Escrita (folhas limpas; escrita clara); b) Estética (subjetividade e aprendizagens; características do gênero textual).

No que se refere à pesquisa qualitativa, é uma abordagem científica voltada para a compreensão profunda e interpretativa de fenômenos; explora a complexidade de contextos sociais, culturais e individuais. Seus fundamentos destacam a compreensão contextual, a valorização da subjetividade e a flexibilidade metodológica durante a coleta e análise dos dados. Dentre os procedimentos mais utilizados para a coleta, destacam-se as entrevistas em profundidade, a observação participante, a análise documental e a análise de conteúdo (GUERRA, 2024).



Quanto à pesquisa bibliográfica, Braucks (2025), expõe que é uma modalidade de pesquisa científica aplicável a todos os campos, utilizada para estudo, compreensão e aprofundamento de temas. É uma metodologia relevante para fundamentar estudos científicos e sua divulgação pode contribuir para o uso adequado por quem realiza pesquisas acadêmicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ensinar e aprender são processos que se estabelecem nas relações entre o sujeito, os outros sujeitos e o mundo. Vale lembrar de Freire e sua importante premissa: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (2002, p. 13). Essas interações acontecem num envolvimento humano complexo, cujo movimento comporta as várias dimensões humanas: sensoriais, emocionais e racionais. No caso do Diário de Aula, o registro é uma criação, produto da percepção humana capturada de um objeto de estudo.

O uso de diários nas iniciativas de formação inicial e contínua de professores apresenta múltiplas possibilidades de aprendizagem, sendo relevante tanto para fins investigativos quanto para o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes. Enquanto instrumento técnico do campo da pesquisa educacional, o diário pode ser empregado para ampliar o conhecimento disponível sobre práticas educativas, ao mesmo tempo que contribui para o crescimento e a reflexão individual do/a professor/a (ZABALZA, 2007, p.16).

Frequentemente, essas duas funções se entrelaçam, potencializando o impacto do diário na trajetória docente. A seguir, detalham-se os quatro principais âmbitos de impacto formativo identificados: proporciona ao/à futuro/a professor/a, um espaço para acessar e registrar suas experiências pessoais; atua como ferramenta fundamental para o desenvolvimento profissional, permitindo ao docente analisar sua atuação; cria oportunidades para a análise crítica e a busca de soluções fundamentadas; serve como instrumento de avaliação e reajuste dos processos educativos, possibilitando ao professor revisitar práticas, repensar estratégias e promover adaptações conforme as necessidades identificadas, em um movimento contínuo de aperfeiçoamento profissional (Idem).

Manter um caderno de registro, acompanha minhas ações didáticas desde 1997, com as/os acadêmicas/os do curso de Educação Física-Licenciatura. Há sistematização na



escrita dos cadernos: solicito o relato das experiências docentes reflexões pessoais, conhecimentos adquiridos, anotações de estudo de textos e vídeos, elaboração de resumos e sínteses, recortes destacados de textos, desenhos e recortes/colagens de figuras. Durante as aulas são socializadas as informações registradas, por meio da leitura, comentários orais e discussão a respeito dos registros, envolvendo os demais participantes em sala de aula e tendo a mediação do professor.

Nos últimos anos, adotei o suporte do Diário de Aula, cuja escrita tem características de texto próprias. Para Lejeune (2008) o diário é algo tão simples como sua palavra. Na maioria das vezes trabalhamos com um tema, cotidianamente, no caso deste trabalho, a temática são as atividades e conhecimentos produzidos em sala de aula, na disciplina de Didática da Educação Física. Sua escrita manuscrita é pela própria pessoa e “com tudo que a grafia tem de individualizante” (p. 260). O autor questiona se, atualmente, o seu uso é uma compensação da falta de convívio social que as novas tecnologias proporcionam.

Nas práticas histórico-sociais, as pessoas registravam (e registram) suas descobertas de diferentes formas, como por exemplo, o desenho, a escrita, a fotografia e a filmagem. Historicamente, o ser humano iniciou seus registros por meio do desenho. Jean (2002, p. 11) na introdução do seu livro, nos lembra que: “há vinte mil anos de nossa era, em *Lascaux*, homens traçam seus primeiros desenhos. Será preciso esperar 17 milênios para que se inicie uma das mais fabulosas facetas da história da humanidade – a escrita.” A escrita é uma das mais antigas tecnologias que a humanidade já conheceu. Rocco (1998) lembra que [...] conforme registramos, a primeira manifestação escrita, entendida já como “a tecnologia que deu forma e poder à atividade intelectual humana”, ocorreu tardiamente, entre os séculos 38-35 a.C. Antes dessa época, milênios antes, os homens já desenhavam figuras que funcionavam como rótulos e *aides-mémoire* (p, 64).

Vale apresentar algumas anotações produzidas pelas/os estudantes: o Diário de Aula é uma forma de transpor nossos pensamentos e conclusões, de tentar no papel, um registro duradouro; o ato de escrever, nos proporciona oportunidades de reflexões sobre os trabalhos, posteriormente; tornou-se um referencial do conteúdo estudado; comprovante que estivemos em aula e fizemos as atividades. Freire (1997), aponta que, a construção da reflexão é pessoal e acompanhada pelo educador, tornando-se um processo libertador que potencializa o pensamento. O ato de desenhar e escrever é onde crianças e adultos expressam, comunicam e aprofundam seus aprendizados, revisando e



formalizando o que pensam e sabem. Registrar diariamente essa reflexão contribui para a apropriação da teoria que fundamenta a prática educativa.

Em Abreu *et al.* (2021, p. 7), encontra-se as seguintes considerações a respeito da utilização dos Diários de Aula: “[...] permitiram a compreensão dos percursos vividos ao longo da trajetória de formação e desenvolvimento profissional, possibilitando a reunião e ordenação dos diferentes momentos no decurso da vida [...]”. Os estudantes desenvolvem consciência de si e de suas interações socioculturais por meio de uma racionalidade pedagógica. O uso de diários evidencia um modelo de formação centrado nas subjetividades, possibilitando a construção da autoria identitária e o reconhecimento do ser futuro/a professor/a como dimensão legítima da existência.

É importante lembrar às/aos docentes da Educação Superior, principalmente dos cursos de licenciaturas, alguns princípios que envolvem o interesse pela aprendizagem da/o aluna/o, tais como: voltar-se para a liberdade de ensinar e aprender com entusiasmo, com práticas mais participativas e coletivas; pensar o que faz alunas/os e professoras/es felizes e trazer para a sala de aula; aulas com informações e conteúdos interessantes, favorecem a aprendizagem; formar para a consciência humana com todas as suas características e possibilidades; o desenvolvimento humano saudável só é possível por meio de relacionamentos afetivos.

Em suma, considerando esses aspectos, observa-se que o Diário de Aula não apenas documenta o percurso formativo, mas também incentiva o desenvolvimento de habilidades reflexivas e autônomas. Ao valorizar registros pessoais, o processo de escrita se transforma em uma prática de autoconhecimento e fortalecimento da identidade das/os acadêmicas/os permitindo que expressem suas vivências, dúvidas e avanços, enriquecendo o processo de aprendizagem e ensino. Dessa forma, o diário se consolida como um recurso pedagógico para o aprimoramento da prática educativa, promovendo o diálogo entre teoria e prática e incentivando a construção coletiva do saber.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as categorias analisadas, Escrita e Estética. Apenas 9% dos registros apresentaram folhas limpas, sem rasuras; 33% mostraram uma escrita clara, com letra adequada para a eficácia da comunicação; 23% dos diários, apresentam uma escrita própria da pessoa que escreve, quais sensações ocorreram e o que aprenderam.



Quadro 1

Categorias	Crítérios	Percentual	Observações
Escrita	Folhas limpas	9%	Folhas limpas, sem rasuras
Escrita	Escrita clara	33%	Letra adequada para a eficácia da comunicação
Estética	Subjetividade e aprendizagens	23%	Escrita própria, sensações, aprendizagens
Estética	Característica do gênero	77%	Desconhecimento do assunto

Fonte: a autora do artigo

Observou-se que 77% não apresentaram características do gênero textual diário, por desconhecimento do assunto. Essa foi a maior dificuldade encontrada, mesmo com orientações para tentar suprir essa falta de conhecimento. Para tanto houve indicação de filmes que retratam a escrita de diário, tais como: O diário de uma paixão; Escritores da liberdade; O diário de Anne Frank; Diário de um banana e seus respectivos livros.

A tabela contém as duas categorias principais. Isso indica que os critérios estão divididos entre aspectos técnicos da escrita e aspectos estéticos ou pessoais. Cada categoria possui critérios específicos que estão sendo avaliados. O valor percentual reflete a importância ou pontuação de cada critério em relação à categoria. As observações, fornecem uma explicação ou contexto adicional relacionado ao critério avaliado.

1. Escrita: a) Folhas limpas (9%). Este critério é uma parte menor da avaliação, sugerindo que a apresentação física da escrita é menos crítica em comparação com a clareza da escrita. Apresenta-se aqui, uma questão de gênero, na qual, as meninas são mais cuidadosas do que os meninos. b) Escrita clara (33%): É o critério mais importante dentro da categoria, indicando que a clareza na comunicação é fundamental. Uma letra adequada também é ressaltada, reiterando a necessidade de que a escrita não apenas exista, mas que seja facilmente compreensível.

2. Estética: a) Subjetividade e aprendizagens (23%): Este critério sugere que a expressão pessoal e as aprendizagens do/a escritor/a têm um valor significativo. Este aspecto é mais focado no que os escritos expressam, em termos de experiências e percepção do/a autor/a. b) Característica do gênero (77%): Este critério tem o percentual mais alto dentro da tabela, destacando que a falta de adesão às características do gênero textual é uma falha importante. Isso pode sugerir que a escrita esperada deve alinhar-se mais estreitamente com as convenções do gênero selecionado.



A distribuição dos percentuais indica uma priorização clara: a clareza da escrita e a adesão ao gênero são consideradas essenciais para a eficácia do texto. A presença de critérios com percentuais altos, como, característica do gênero, sugere um foco na adequação estilística, implicando que, mesmo que a escrita seja clara, a não conformidade com as normas do gênero textual pode resultar em avaliações negativas. As observações ajudam a esclarecer o que se espera em cada critério, apontando para aspectos técnicos e a subjetividade da escrita.

Em síntese, a tabela enfatiza a importância da clareza na escrita e a conformidade com as características do gênero textual, enquanto aspectos estéticos e subjetivos são considerados, mas com menor peso na avaliação global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir Diários de Aula pode constituir-se como mais uma possibilidade de superar desafios que se impõem na contemporaneidade, pois esse recurso materializa a escrita do processo de aprendizagem e ensino. Ao ser registrado em textos concretos, o diário permite uma documentação efetiva das experiências e das práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar. Além do texto, esse suporte de registro pode ser enriquecido por diferentes materiais, cores e formas, ampliando as possibilidades de expressão das/os sujeitas/os envolvidas/os no processo de aprendizagem e ensino. Essa variedade de registros contribui para tornar visível o percurso de construção do conhecimento, valorizando tanto aspectos técnicos quanto estéticos e subjetivos da escrita.

Para documentar a historicidade deste processo de construção do conhecimento, vale trabalhar com diferentes meios de registro. O mundo vivido é repleto de diversas linguagens expressas pela escrita e pela arte. Assim, professores/as e alunos/as também constroem um conhecimento paralelo, o qual diz respeito à percepção clara e estética do que foi proposto e estudado.

Retomando o objetivo geral deste estudo, verificar se a escrita do diário é uma ação que favorece o processo de ensino e aprendizagem, pode-se afirmar que sim, com as devidas evoluções do caminho, pois ainda precisamos de maior atenção para o conhecimento do próprio gênero textual proposto: o Diário de Aula.

Considerando os resultados e discussões aqui expostos, conclui-se que, esse modelo de registro de aulas, ainda necessita de outras pesquisas, avaliando o ciclo dos



elementos das categorias aqui analisadas ou de outras necessárias. São pistas para continuar a caminhada ao se pretender um processo de aprender e ensinar mais atrativos para a classe.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), ao Grupo de Pesquisa Corporeidade e Educação Física Escolar (GPCEFE) e às/aos acadêmicas/os que produziram seus Diários de Aula.

REFERÊNCIAS

ABREU, Samara Moura Barreto de (*et al.*). Diários de aula como dispositivo pedagógico na (auto)formação docente. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 1, 2021. Canoas. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 29 out. 2025.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O Diário de Pesquisa**. O Estudante Universitário e seu Processo Formativo. Campinas: Liber Livro, 2010

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissional do Magistério da Educação Escolar Básica** (cursos de licenciatura, de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura). 2024. pdf

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1989.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues (*et al.*). Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado –GeSec**, V.



15, N. 7, P. 01-15, 2024. São José dos Pinhais, Paraná, Brasil. Disponível em:
<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019>. Acesso em: 29 out. 2025.

JEAN, Georges. **A escrita** – Memória dos homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

ZABALZA, Miguel. **Diários de Aula**. Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2007.

